

Dança / Performance  
1, 2 Julho 2010

# Antonio & Miguel

De Antonio Tagliarini  
e Miguel Pereira

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Concepção e intérpretes** Antonio Tagliarini e Miguel Pereira **Apoio dramaturgico** Rui Catalão  
**Desenho de luz** Gianni Staropolli **Sonoplastia** Jari Marjamäki **Assistência de ensaios** Chris Scherer  
**Produção** O Rumo do Fumo e Planet 3 **Co-produtores** Fundação Caixa Geral de Depósitos  
– Culturgest **Residência Artística** Armunia Festival Costa Degli Etruschi **Apoio** Forum Dança  
**Agradecimentos** Dr. A. Bracinha Vieira, Luisa Veloso, Jaime Conde-Salazar, Vera Mantero  
O Rumo do Fumo é uma estrutura financiada pela Direcção-Geral das Artes/  
Ministério da Cultura

**Qui 1, Sex 2 de Julho**

**21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração aprox. 55 min · M12**

Quando começámos a pensar nesta criação, e antes de termos iniciado os ensaios, trocámos algumas impressões com as quais tentávamos perceber em que direcção se podia dirigir a nossa vontade de trabalharmos de novo juntos.

Há dez anos tínhamo-nos conhecido e criado uma peça, *Antonio Miguel*, um solo feito a dois, num encontro marcante para nós, pessoal e profissionalmente.

Nessa altura, em 2000, tínhamos a energia de quem começa algo pela primeira vez, achávamos mesmo que poderíamos mudar alguma coisa, a dança, o espectáculo, os seus limites, as suas convenções e regras, o mundo talvez.

Entretanto muita coisa se passou, no micro e no macro plano, encontrámo-nos e desencontrámo-nos, enfim, o mundo não parou de nos surpreender e de nos desiludir.

Agora em 2010, perguntámo-nos se ainda tínhamos essa vontade de mudar alguma coisa, se tínhamos algo realmente importante para dizer através da dança ou do espectáculo, para além deste nosso desejo de nos reencontrarmos.

Começámos então a olhar à nossa volta e interessou-nos perceber como estávamos e como estava o mundo. Segundo o calendário oficial, tinha-se passado uma década, entrámos num novo século e num novo milénio. O que é que se tinha passado? Que impressões ficavam deste período?

Durante o processo, e já no estúdio, à medida que íamos falando e experimentando coisas, focávamo-nos na questão do tempo. Ter-nos-íamos transformado nestes dez anos? Teria havido uma evolução ou estaríamos nós sempre a falar da mesma coisa mas de forma diferente?

O tempo tinha realmente produzido qualquer coisa em nós, no nosso corpo, na nossa energia, na maneira como olhá-vamos para a vida e o trabalho. Será que as motivações e os estímulos que temos agora serão suficientes para produzir algo de novo?

Afinal a dúvida continua a mesma: quem somos?

Antonio e Miguel

---

Excertos de alguns e-mails que trocámos [o Antonio ainda em Roma e o Miguel em Lisboa]

---

Ciao Miguel,  
Ciao Antonio,

Antonio: Per quanto riguarda il concept del nuovo lavoro, la cosa piú interessante per me é parlare con te e confrontarmi...

Miguel: Concordo pienamente. Se há coisa que gosto no trabalho (e se calhar na vida também) é de confronto e acho que nós os dois juntos, para além de uma grande empatia que temos um pelo outro, gostamos de nos confrontar. Grrrrrrrrrrrr lol.

A: Sono passati 10 anni... cosa é cambiato nelle nostre piú profonde esigenze e pulsioni artistiche/creative?

M: Muita coisa se passou durante esta década. No mundo e em nós, e acho que o ponto de partida do trabalho pode ser isto mesmo. Como estamos hoje e para onde vamos, Antonio e Miguel?

A: Come e dove ci posizioniamo dopo 10 anni? Quali cambiamenti e riflessioni? Cosa sentiamo piú fragile? Cosa sentiamo piú forte?

M: Sim sim.

A: Come e per chi creare?

M: Porque precisamos de canalizar para algum lado tudo aquilo que temos em combustão dentro de nós.

A: Come e per chi mostrare il risultato della propria ricerca?

M: Porque temos um compromisso com o mercado e para isso precisamos de ter um produto para poder ser apresentado não?

A: Concordo pienamente. Sono domandato un po' genericamente, ma in qualche modo andando un po' in profondità dentro di noi, può essere interessante risponderci.

M: Às vezes as questões genéricas são as melhores, onde despreocupada e intuitivamente tocamos naquilo que é importante para nós. Por isso...

A: Provo io a rispondere, in maniera sintetica. L'atto creativo. Nasce sicuramente da una ossessione personale. Soprattutto artisti che come noi lavorano a partire da se stessi, dalle proprie personali inquietudini, dalla propria personale biografia.

M: É verdade, é um ponto que temos em comum.

A: Sia per me che per te il pubblico é sempre molto presente. In che modo? Come é cambiata la nostra riflessione sul pubblico in questi 10 anni?

M: Esta questão para mim continua primordial. Para quê e para quem fazemos o nosso trabalho. Sem um público, alguém que "veja", o espectáculo não faz sentido.

A: I miei primi tre soli, sono nati da una ricerca molto personale. E anche come tematica il punto di partenza é stato molto personale, intimo. Naturalmente la scommessa, per me, é stata quella di partire da me per arrivare ad una comunicazione piú assoluta, piú universale che raggiungesse il pubblico. Che levantasse questioni, che facesse questionare, pensare.

M: Como sabes, eu desde essa altura em que fizemos o *Antonio Miguel* ando à volta das questões da identidade, a minha e a do outro e acho que em todo o trabalho que desenvolvi até agora isso está sempre presente.

A: Il tempo passa, e a volte quella pura spinta artistica personale, individuale, intima... muta/cambia.

M: Os avanços e os recuos de que o Barthes falava lembrás-te?

A: Aiutami a ricordare?

M: Falámos muito no Barthes quando criámos o *Antonio Miguel*, eu andava obcecado com os livros dele, e ele diz que nós como sujeitos não somos lineares, não descrevemos apenas uma linha, ascendente ou progressiva, temos avanços e recuos, tropeçamos, mudamos de caminho, etc. (isto sou já eu a interpretar o que ele disse).

A: Non sempre abbiamo voglia di parlare di noi stessi, va benissimo. Ma nello stesso tempo dobbiamo sempre metterci in gioco, posizionarci personalmente rispetto a qualsiasi tema che si affronta.

M: Sim, até porque o nosso encontro em 1999 foi uma tentativa de construirmos uma identidade conjunta a partir das nossas identidades individuais e agora queremos falar de nós ou queremos falar do mundo?

A: Direi parlare del mondo attraverso di noi. Che ne pensi?

M: Pois...

A: Proveniamo dalla danza, dal corpo, da una ricerca che questiona il corpo, la presenza, lo spazio, il pubblico. TIRAMOS ESTA FRASE?

M: NÃO, DEIXA ESTAR, afinal de contas é uma verdade, vimos da dança.

A: Vi sono una serie di questioni legate al contemporaneo, che ci premono. 10 anni fa quali erano? E oggi? Dopo 10 anni cosa é accaduto a quelle domande? E oggi quali sono le domande, le questioni che ci premono di piú?

M: É isso mesmo, temos que apenas

olhar para aquilo que eram as necessidades há 10 anos e quais as que continuam a fazer sentido, as que já não fazem e obviamente as novas.

A: E il linguaggio, anche "il modo" é messo in crisi, é messo in questione.

"Il modo" diviene anche contenuto.

Forma e contenuto sono la stessa cosa. Entrambi vanno continuamente verificati, giocati, messi in crisi.

M: As formas vão sempre mudando mas a essência é sempre a mesma, não é?

A: É!!! In *Antonio* e *Miguel* vedo due linee, due pulsioni, due questioni:

- l'identità, chi sono? - lo spettacolo.

M: Perfeito!

A: 2 parti fondanti di noi, artisti.

Sono Antonio, io? Sono un performer.

Só? Avevo dimenticato di mettere "?" C'è sempre un punto di domanda. Chi sono? Non lo so.

M: E eu como Miguel o que sou? Não sei, não sou nada e parece que sei e sou tudo (esta minha veia pessoal, enfim...).

A: Adesso dopo 10 anni rispetto a queste domande cosa accade? Come ci posizioniamo? Cosa ci interessa?

M: Acho que só quando começamos a mergulhar no trabalho, a experimentar, quando nos encontrarmos no estúdio, vamos poder concretizar alguma coisa, até lá resta-nos o diálogo e um projecto de intenções não?

A: Ti abbraccio forte. Un bacetto a te! Antonio

M: Muitos beijos e até já. Mais beijos, Miguel

---

Miguel Pereira respondendo às perguntas de David Bernadas da revista *Mouvement*, a propósito da apresentação de *Antonio Miguel* no Théâtre de la Bastille.

---

O meu trabalho nasce sempre a partir de uma impossibilidade de afirmação. Afirmação no sentido da certeza.

A sociedade empurra-nos sempre para os valores afirmativos: a potência, a força, o poder, a conquista, a harmonia, etc. E o que me interessa é o que está por detrás de tudo isso, como por exemplo a fragilidade, os medos, o ridículo, o monstro que pode estar dentro de nós.

Como vivemos com a incerteza, os nossos limites, o desconhecido e portanto a mortalidade, em confronto com a cultura e a construção que fazemos do mundo? Gosto muito de confrontar o meu trabalho criativo com o ser natural em oposição ao ser cultural. *Antonio Miguel* nasceu a partir destes princípios e também da necessidade ou da importância dos espectáculos nas nossas vidas e nas nossas sociedades. E sobre criação, criador, original (idade) e identidade. O indivíduo em relação com os outros e a necessidade de um espelho para que nos possamos concretizar.

Na altura (este dueto foi criado em 1999 e a estreia foi em Março de 2000) deveria criar um solo mas sentia-me demasiado só (solo), impotente em ser criativo isoladamente. E perguntava-me se seria possível, então, desenvolver este solo em dois, partilhando com outro alguém as minhas ideias, os meus desejos e as minhas dúvidas. E encontrei, por acaso, Antonio, que estava em

Lisboa para dar um curso de dança. Conhecemo-nos e identificámo-nos de tal modo que quisemos trabalhar juntos.

Queria questionar também o meu papel como indivíduo no espectáculo, seja como intérprete seja como criador, e qual era a verdadeira necessidade de me afirmar nesse campo.

Será que tenho qualquer coisa de original para dizer ou sou um híbrido de várias personagens que absorvo e transformo (a ideia do actor, da representação, etc.)? O que é que encontro no fundo de mim próprio? Qual é a urgência em comunicar? (Como dizia Barthes, no fundo, todos temos necessidade em sermos amados!) Será que isso corresponde às minhas expectativas, do que espero dos outros e do que eles esperam de mim? Tenho um estilo? Que linguagem utilizo?

Decidi retomar a personagem da popstar como paradigma, ícone e mito do espectáculo. A magia, a fantasia, o *glamour*, a perfeição, a sedução, o poder, uma espécie de ser imortal que está ali para nos iludir e nos fazer esquecer o sofrimento da carne e da alma. Este personagem foi criado a partir de uma *performance* que fiz em 1999 – mesmo antes de *Antonio Miguel* – com Margarida Mestre, *M&M's*, onde o utilizava como veículo de prazer e entretenimento. E desloquei-o para uma zona de reflexão e questionamento que é para mim, também, o espectáculo.

---

Lançámos um desafio pela internet, perguntando a pessoas conhecidas e desconhecidas o que tinha significado para elas esta década. Estes são alguns excertos de alguns dos depoimentos:

---

“... é exactamente uma imagem, fatal, que para mim sintetiza todo o decénio: é uma imagem famosa, repetida naquele ritmo percussivo com o qual o sistema de comunicação tenta anular a potência real das imagens que difunde, já vista até ao enfadatiamento e nunca vista a fundo, porque até ao fundo não se pode ver. O escritor DeLillo chamou-a simplesmente “O homem que cai”. É a fotografia de um homem que no 11 de Setembro se precipita a pico, numa linha (quase) perfeitamente perpendicular, de uma das torres do comércio mundial. Queda repentina e longa, que ainda não terminou, de todas as ilusões produzidas pelo advento do melhor dos mundos possíveis, um mundo que já não é trágico e onde a democracia e o Mercado deveriam ter emendado todos os conflitos. Através do seu rasto vimos os dez anos onde ressurgiu a guerra, a exclusão, a intolerância e um conflito ideológico – “entre civilizações” – que pensávamos ter deixado para trás de nós.”

Attilio Scarpellini

“... mando-te a impressão que certamente não será só a minha mas a de Louise Bourgeois, que morreu ontem com 100 anos, ou a de Michael Moore e provavelmente a de muitos outros ainda.

O MEDO... O mundo ocidental vive e lucra com o ‘MEDO’, não é?”

Fabio Pinelli

“Teria sido tão óbvio crescer num mundo estritamente bipolar. Havia muitos sinais. Depois apenas foi necessário um muro cair. A página virada de um século e de um milénio. Em perda de inimigos e de aliados suficientemente identificados, a última década inventou a sua guerra difusa, habitada por novos perigos obscuros. Isto sem nada eliminar dos antigos bem conhecidos do mercado global, liberados de obstáculos contrários. Que grande alegria! Acabaram-se os erros pós-modernos da pura dança dos signos. O que nela havia de precursor, de novo e sedutor, transformou-se em realidade. E perdeu o seu lado atractivo. Vê-se. Como encontrar então o alento emancipador nesta nebulosa generalizada do sentido? Existem classes. Existem lutas. Há oprimidos. Os mesmos de sempre. Então são precisas utopias. De facto tinha-me esquecido: procarria de década, de vomitar!”

Gérard Mayen

“(...) Skype, Facebook, Twitter, Buzz, Messenger, Hotmail, Gmail, Yahoo, Lycos, Google, e por aí fora, passaram a fazer parte do nosso dia-a-dia.

Há quem fale do risco de tudo isto vir a reduzir as nossas conversações on-line a “monossilabos, regurgitações discursivas e spam”. Para mim, o risco é qual on-line ou ao vivo. E eu brinco com o falar ‘faceboquez’. Isso não me assusta, pelo contrário, sinto que redimensionei a linguagem escrita através do uso das redes sociais. Aprendi a falar on-line quase-quase à mesma rapidez com que falo e sou capaz de ‘tridimensionalizar’ a minha presença usando apenas o teclado. Sinto que já domino mais uma língua. E gosto muito disso!

(Consegues sentir o cheiro de uma frase? Ler uma gargalhada espontânea? Ouvir o som de uma lágrima que caiu? Sentir um beijo carinhoso na face? Corrigir erros em tempo real sem apagar? Afinar o tom da tua afirmação?)

Há quem receie que, pela facilidade com que nos relacionamos virtualmente, acabemos por prescindir da presença real. Mas isso parece-me um não problema. A materialidade corpórea é uma condição do humano, mesmo quando este aspira à transcendência. Como poderíamos viver sem os corpos uns dos outros? Como sobreviveríamos sem abraços que encostem coração com coração?

No nosso mundo, nesta década, podemos escolher quando queremos ser virtuais ou reais. Viver nesta década é um privilégio.”

Levina Valentim

“Mudança. Um passo à frente e, por vezes, dois atrás. Uma década que dançou quase sem música.”

Francisca Vidal

“ (...) Mudança. 30 anos. 40 anos.”

Barbara Folchitto

Citação de Tom Nakajima no filme *Tropical Malady* de Apichapong Weerashetakul:

*Por natureza somos todos selvagens. Como seres humanos o nosso dever é o de nos tornarmos como os domadores que não só têm os seus animais subjugados como os levam a praticar movimentos contrários à sua natureza bestial.*

---

## Antonio Tagliarini

---

*Performer*, artista e encenador. As suas criações foram já apresentadas em Itália, Portugal, Espanha, Alemanha, Áustria, Polónia, Bélgica Eslovénia e França.

Últimas criações: *Freezy* (2003); *Título provisório: sem título* (2005); *Show* (2007); *Rewind – homenagem a Café Müller de Pina Bausch* (2008) criado com Daria Deflorian; *Oitavo Dia* (2008) criado com Ambra Senatore; *From a to d and back again* (2009) criado com Daria Deflorian.

Participou como artista nos encontros internacionais: APAP 2007, sites of imagination 2008 e Pointe to Point Asie-Europe 2009.

Trabalhou com Miguel Pereira, Raffaella Giordano, Giorgio Rossi, Massimiliano Civica, Fabrizio Arcuri, Idoia Zapaleta, Daria Deflorian e Ambra Senatore.

---

## Miguel Pereira

---

Frequentou a Escola de Dança do Conservatório Nacional de Lisboa e a Escola Superior de Dança de Lisboa. Foi bolseiro em Paris (Théâtre Contemporain de la Danse) e em Nova Iorque com uma bolsa do Ministério da Cultura. Como intérprete trabalhou com, entre outros, Francisco Camacho e Vera Mantero. Participou na peça e no filme *António, Um Rapaz De Lisboa* de Jorge Silva Melo.

Trabalhou com Jérôme Bel em *Shirtologia (Miguel)*, (1997).

Como criador destaca *Antonio Miguel*, peça com a qual recebeu o

Prémio Revelação José Ribeiro da Fonte do Ministério da Cultura e uma Menção Honrosa do Prémio Acarte/Maria Madalena Azeredo Perdigão em 2000. Desde 2000, convidado por Vera Mantero, é artista associado da estrutura O Rumo do Fumo. Desenvolveu o Projecto Invisível, iniciado com *Notas Para Um Espectáculo Invisível* que estreou em Lisboa no Teatro D. Maria II (2001), e continuado num espectáculo apenas anunciado com data e local, que estreou no Festival Danças na Cidade (2002).

O seu trabalho tem sido apresentado em toda a Europa e no Brasil e no ano de 2003 foi alvo de uma mini-retrospectiva nas Caldas da Rainha, integrada no ciclo *Mapas* organizado pela Transforma-AC em colaboração com a ESTGAD.

Em 2003 e 2007 criou para o repertório da Transitions Dance Company/Laban Centre as peças *Transitions*, e *Transtions II* que integraram a digressão nacional e internacional da Companhia (2003/2004 e 2007/2008).

Em Junho de 2005 estreou a peça de grupo *Corpo de Baile*, e em Junho de 2006 o trabalho *Karima meets Lisboa meets Miguel meets Cairo* um projecto desenvolvido em colaboração com a coreógrafa egípcia Karima Mansour, no contexto do projecto Encontros Imediatos do Festival Alkantara. Em Junho de 2008 estreia o seu último trabalho *Doo* no Festival Alkantara, em Lisboa.

É regularmente convidado como professor para *workshops* e cursos de formação em Portugal e no estrangeiro.

# Um Precipício no Mar

## De Simon Stephens

### Um espectáculo dos Artistas Unidos

#### Integrado no Festival de Almada



**Teatro de Qui 15 a Dom 18 Julho**

Pequeno Auditório · 19h30 e 21h30 (15),  
19h30 e 23h (16 e 17), 16h e 18h30 (18)  
Duração: 30 min · M12

**Título original** *Sea Wall* (2008)

**Tradução** Hélia Correia **Com** João Meireles

**Encenação** Jorge Silva Melo

**Co-produção** Artistas Unidos, Festival  
de Almada, Culturgest

A história de Alex, da sua mulher e filha – e de como a felicidade é brutalmente interrompida, num dia de sol e junto ao mar. As marés mais inesperadas podem apanhar os homens mais felizes e levá-los com elas, para o mais escuro nada.

“Esta peça é um mar azul enganadoramente calmo debaixo do qual se esconde uma feroz corrente de dor”: assim saudou Lyn Gardner, no *Guardian*, esta peça breve de Simon Stephens, autor revelado entre nós em 2009 (no Teatro Nacional D. Maria II, com a peça *Harper Regan*). “O triunfo da narração na sua simplicidade gloriosa”, escreveu Alice Jones no *Independent*.

Os portadores de bilhete para o espectáculo  
têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

#### Conselho de Administração

##### Presidente

António Maldonado

Gonelha

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

##### Direção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

##### Produção

Paula Tavares dos Santos

##### Montagem

Fernando Teixeira

##### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Inês Loução estagiária

Marta Ribeiro estagiária

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

#### Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

#### Direção Técnica

Eugénio Sena

#### Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

#### Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

#### Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

#### Recepção

Sofia Fernandes

Ana Sofia Magalhães

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

António Rocha estagiário

Soraia da Silva estagiária

Susana Sá estagiária

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---